

ETNOMETODOLOGIA & ANÁLISE DA CONVERSA, DE ROD WATSON E ÉDISON GASTALDO

Por
Paulo Roberto BARBOSA¹
Rosa Lídia da SILVA²

WATSON, Rod; GASTALDO, Édison. *Etnometodologia & Análise da Conversa*. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015. 184 p.

A obra *Etnometodologia & Análise da Conversa*, escrita pelo inglês Rod Watson e o brasileiro Édison Gastaldo, em seus quatro capítulos, trata das práticas sociais no cotidiano. Watson é professor, pesquisador na universidade francesa Telecom Paris Tech e referência no campo da Etnometodologia e Análise da Conversa; enquanto Gastaldo é pesquisador do CNPq e professor no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A leitura é indicada para estudantes, da graduação ao doutorado, e para pesquisadores das áreas de Letras, Comunicação, Sociologia, Antropologia, Educação, Psicologia, entre outras áreas que tenham os fenômenos da linguagem, da fala e da interação social como objeto de estudo.

Na apresentação, *Uma Sociologia da Interação Cotidiana*, em que é feito um breve exposto do que será visto no livro, convoca-se atenção especial às interações e enfrentamentos de sujeitos perante a materialidade das situações sociais tal como se apresentam no dia a dia. Devido ao veloz advento das tecnologias de informação e comunicação e de grandes problemas políticos e sociais em todo o planeta, tratar de acontecimentos aparentemente simples, como a conversa, pode parecer perda de tempo ou inocência epistemológica.

Entretanto, segundo os autores, é indiscutível que é nas situações concretas de comunicação e interação que se realiza a maior parte dos fenômenos sociais. Ademais, a inobservância sistemática do universo de fatos sociais, desde a fase mais remota da humanidade, contribuiu para que as ciências sociais amparassem suas teorias sobre outras

¹ Mestrando em Língua Portuguesa/PUC-SP. Endereço eletrônico: paulobarbosa2709@gmail.com

² Mestranda em Língua Portuguesa/PUC-SP. Endereço eletrônico: rosalis.sp@gmail.com

teorias, desconsiderando o universo dos fenômenos empíricos, os elementos que conferem maior sentido a uma situação social.

Durante os séculos XIX e XX, mostravam-se sólidas as teorias clássicas produzidas, todavia, algo estava faltando: a Etnometodologia, que é um ramo das ciências sociais que estuda precisamente aquilo que as outras teorias sociais parecem fazer ocultar; ela estuda as pessoas em suas ações cotidianas singulares e as maneiras pelas quais elas, em interação, fazem sentido do mundo (p. 8).

A Etnometodologia não se importa sobre a realidade de um quadro teórico abstrato elaborado pelo cientista, mas o que realmente importa “são os pontos de vista das pessoas, [...] teorias sociais na prática, isto é, os entendimentos dessas pessoas sobre o que seja sociedade e como ela se manifesta na vida cotidiana” (p. 8).

Análise da Conversa e Etnometodologia, apesar da origem comum, desenvolveram-se autonomamente no universo acadêmico. Um dos objetivos do livro é apontar os aspectos comuns e convergentes, tentando aproximar essas duas abordagens de vocação naturalista, ou seja, pesquisas que enfatizam o estudo empírico dos fenômenos sociais em suas situações naturais de ocorrência; em outras palavras, sem a interferência do pesquisador.

O estudo busca apresentar a “mentalidade analítica” da família de abordagens etnometodológicas nas ciências sociais e humanas de maneira preliminar, mas com densidade.

No primeiro capítulo, *O que é Etnometodologia*, é feito um panorama descritivo sobre a “família” de abordagens naturais nas ciências sociais: “a Etnometodologia e algumas de suas ‘parentas’, como a Análise da Conversa e a etnoinvestigação” (p. 13). O principal objeto de interesse da Etnometodologia, termo cunhado por Harold Garfinkel no final da década de 1960, “são os métodos usados pelas pessoas comuns da sociedade para dar sentido às coisas do mundo” (p. 13). Considerando que as atividades no mundo cotidiano podem ser expressas pelas palavras, e a linguagem surge como o mais importante meio para a troca desses significados, que se fez emergir um dos “parentes” da Etnometodologia, realizada pela fala-em-interação: a Análise da Conversa.

Ela se derivou da Etnometodologia especialmente pela obra de Harvery Sacks, mas seus múltiplos interesses fizeram com que suas implicações logo a levassem a seguir caminho próprio. A Análise da Conversa pode acontecer em qualquer situação social que seja coproduzida por meio da fala. Outro “parente” da Etnometodologia é a etnoinvestigação, concepção criada por Edward Rose no início dos anos de 1970; nela, “focalizam o ponto de vista do ‘outro’ particularmente na expressão linguística de suas descrições dos fenômenos

sociais” (p. 18). A Etnometodologia está mais interessada no *como* as coisas são faladas, enquanto a etnoinvestigação se interessa mais no *que* está sendo dito, em termos de conteúdos. Etnoinvestigação se relaciona com a etnometodologia e a Análise da Conversa em seu ato respeitoso para com as pessoas comuns.

No mesmo capítulo, ainda, faz-se um passeio pelas concepções de Edmund Husserl, Alfred Schütz, Max Weber, George Herbert Mead, Talcott Parsons, Erving Goffman, Harvey Sacks *etc.*, no intuito de problematizar em quais fontes a Etnometodologia criada por Garfinkel se corporificou. Vale enumerar que a Etnometodologia é uma abordagem radicalmente praxiológica (preocupa-se com as práticas cotidianas) sobre o problema de ordem social; seu fundamento é cultural e não cognitivo; a cultura é vista não somente como ordem moral (normas e valores), mas também como um *corpus* de conhecimento advindo do senso comum; os métodos dos componentes envolvem um processo ativo e relacionado de produção de sentido; a linguagem natural das pessoas (seja ela qual for) é primordial para a produção metódica de sentido; a ordem social é enxergada pelas pessoas e pelos etnometodólogos como organizada, isto é, como uma combinação específica de situações sociais; e, por fim, para a Etnometodologia, a sociologia clássica é vista como um pouco mais do que “senso comum teorizado”.

No segundo capítulo, *O Ponto de Vista Conceitual da Etnometodologia*, há um aprofundamento conceitual desse estudo, ou melhor, a maneira como a Etnometodologia fixa seu olhar no contexto em que as ações sociais acontecem. Para tanto, contrasta a Etnometodologia com a sociologia ortodoxa da Análise Formal, como a de Durkheim. A categorização da distinção entre a Etnometodologia e a Análise Formal é “que esta última busca encontrar e descrever a ‘ordem do nível geral’, a ordem social no abstrato, enquanto a primeira busca encontrar e descrever a ‘ordem no nível local’, nos detalhes contextuais das ações” (p. 31). Além disso, enfatiza que a Etnometodologia defende que “os entendimentos de senso comum devem ser levados a sério e que as ações nas quais esse conhecimento está incorporado são foco primário de atenção” (p. 56).

No terceiro capítulo, *Os estudos etnometodológicos do trabalho*, é apresentada a área da Etnometodologia que mais teve sucesso mundialmente, equiparando-se apenas ao da Análise da Conversa, que tratam no capítulo posterior. “Mais do que qualquer outra forma de sociologia, a Etnometodologia e a Análise da Conversa foram adotadas pelos laboratórios de pesquisa de empresas de ponta na tecnologia da comunicação e informação, como a *Microsoft* e a *Xerox*.” (p. 60). Expõem os principais eixos da abordagem naturalista no que concerne aos

fenômenos do universo laboral, em contraponto com a visão da Sociologia Convencional. Em campos opostos, destacam-se Robert K. Merton – autor de um estudo das ciências naturais que se tornou um clássico, enfatizando a lacuna de conhecimentos entre os cientistas e as pessoas comuns, o *ethos* da ciência, a abordagem do ponto de vista das normas técnicas – e Garfinkel, com seus conceitos etnometodológicos, que consideram o conhecimento e os usos do homem comum. Ambos foram alunos de Talcott Parsons, segundo o qual o trabalho se caracteriza pelas orientações normativas de universalismo, auto-orientação, realização, especificidade e neutralidade afetiva.

Apesar de o campo do trabalho suscitar o interesse de todos os tipos de sociologias, o estudo da linguagem sempre foi marginalizado pela sociologia convencional, e é esse o diferencial da Etnometodologia, que tem o foco de sua análise no “uso” efetivo da linguagem, por ver nela uma ação prática que está ligada a todas as ações práticas da vida, das mais corriqueiras às tidas como mais complexas. Então, como atua um etnometodólogo na pesquisa sobre a realização de uma determinada atividade, como a utilização de um equipamento, por exemplo? Ele o faz *in loco*, em contato direto com os participantes da situação em estudo, não buscando “encaixá-la” em alguma teoria preexistente, mas observando a atuação real (tentativas, erros e acertos, irritação, cansaço, dores...) e a interação linguística das pessoas envolvidas, com foco no “ponto de vista do usuário”. Isso, somado à competência (conhecimento) do pesquisador na área, vai gerar uma descrição que Garfinkel chama de “etnografia significativa, baseada em competência” (p. 84). Para dar conta dessa necessidade de adequação dos conhecimentos do pesquisador, Garfinkel propõe a criação de disciplinas híbridas, como Direito-Etnometodologia, Matemática-Etnometodologia, entre outras.

O quarto capítulo, *Análise da Conversa: etnométodos para conversar*, mostra que a Análise da Conversa nasceu em 1970, durante o convívio intelectual de Harvey Sacks, seu criador, com Garfinkel, quando trabalhavam como pesquisadores numa instituição de prevenção a suicídios, a *Los Angeles Suicide Prevention Center*. Nesse local, psicólogos e estagiários em Psicologia faziam o atendimento, por telefone, de pessoas em dificuldades. Sacks teve acesso a essas ligações, compondo um extenso *corpus* para análise. Não encontrando na sociologia convencional parâmetros que dessem conta do estudo daquelas conversas, Sacks passou a usar seu senso comum, sendo incentivado por Garfinkel, e veio a encontrar, nas gravações, “padrões de organização social ou interacional” (p. 94).

O fato de ter iniciado suas análises sem ter uma motivação definida, abrindo-se para descobertas, resultou na “abordagem analiticamente imotivada” (p. 95), que foi incorporada à

Análise da Conversa (quando se trata de conversa entre homem e computador, isso se modifica). Ele observou, por exemplo, que as pessoas, ao desabafarem, se identificavam ou categorizavam, e a terceiros. Daí, diferentemente da análise composicional antropológica, que estabelece categorias, Sacks percebeu “categorizações”, fluidas, que vão mudando conforme o ato de fala vai se realizando. Constatou os Pares Relacionais Padrão, que implicam direitos-obrigações, conforme o tipo de interação; por exemplo, para pedido de ajuda, “marido-mulher”, “pai-mãe-filho”; no contato cliente-profissional, “médico-paciente”, onde prevalece a regra de preferência, refletida em falas como “desculpe estar ligando para um *estranho*”, “não contei para *minha mulher*”, justificativas que denotam a preferência socialmente estabelecida por se buscar apoio primeiro junto a pessoas com determinados vínculos. A partir daí, os autores descrevem etnométodos interacionais utilizados pelas pessoas para conversar, como o dos “pares adjacentes de enunciados” (p. 106), em que, por exemplo, após a atividade conversacional de fazer uma pergunta, o falante trata metodicamente a fala de seu interlocutor como uma ação de resposta. E outros etnométodos envolvidos, como a “ubiquidade”, a “implicabilidade sequencial” (p. 106). Vão descrevendo os conceitos trabalhados na Análise da Conversa com uma riqueza de detalhes que não caberia neste texto.

O fechamento do livro é feito com os subtítulos *Como juntar tudo isso e Etnometodologia e Comunicação – Entrevista com Rod Watson*. No primeiro, apresenta-se, em parágrafos numerados, uma síntese global da posição defendida ao longo do texto, propondo ao leitor compreender a família de abordagens etnometodológicas mais em termos convergentes do que em termos divergentes. No segundo, encontra-se a reprodução de uma entrevista com Watson sobre a relação entre a Etnometodologia e a comunicação.

Em *Como juntar tudo isso*, é proposto que a Etnometodologia deva ser compreendida como um “termo cobertor” (p. 153), que cobre uma gama de abordagens de *leitmotifs*³. Devido a seus inúmeros fios condutores, os autores propõem substituir o termo Etnometodologia por Etnometodologias. Veremos alguns *leitmotifs* propostos no livro para compreensão das Etnometodologias; são eles: focam a natureza prática das ações cotidianas dos membros da sociedade; a busca de uma abordagem explicativa e a não aceitação da ironia metodológica; a rejeição do behaviorismo e outras abordagens que almejam impor um padrão externo de descrição das ações; a desaceitação do cartesianismo e cognitivismo. Por essa razão, vale lembrar que a “Etnometodologia não descreve um método de pesquisa, mas um

³ Entendemos que a palavra *leitmotifs* significa fios condutores.

objeto empírico, um tópico para análise” (p. 160) que se reconstrói e renasce a cada situação analítica específica, “de modo a preservar a essência do tópico” (p. 159).

Na *Entrevista com Watson*, são respondidas perguntas como: quais as suas influências acadêmicas; como avaliar uma abordagem etnometodológica da comunicação; como a Etnometodologia analisa fenômenos de interação humano-computador e como adotar uma abordagem naturalista em que se focalizem os fenômenos relacionados à mídia.

O livro situa a Etnometodologia e a Análise da Conversa dentro de um arcabouço mais amplo, que não se refere apenas a indivíduos e a meras interpretações, tampouco à construção social, que impliquem a ordem de algo artificialmente fabricado ou que ocorra por algum tipo de opção casual de um indivíduo, mas sim a compreender que, para a sociedade, a organização social é real, e que a proposta aqui é discutir uma renovação de concepção, que se olhe para frente, para que, assim, se tenha de fato uma abordagem etnometodológica e conversacional.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267